

# | 313 | MEU CORPO, MINHAS REDES: A MARCHA DAS VADIAS DO RIO DE JANEIRO

Leo Name  
Julia P. Zanetti

## **Resumo:**

O artigo se propõe a analisar a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro, que ocorreu em 2011 e 2012, comparando-a a outras manifestações políticas que eclodiram em várias cidades do mundo no mesmo período, aparentemente de forma espontânea e apropriando-se das novas tecnologias de informação e comunicação, sobretudo a internet. Buscamos compreender qual o grau de relação entre esta específica manifestação e as novas tecnologias, além das variadas dinâmicas espaciais relevantes em sua organização, mobilização, divulgação e realização. Por um lado, corpo e paisagem parecem ter significados que se relacionam em seu contexto; por outro, as ditas instâncias online e off-line não parecem tão distintas se analisadas sob os prismas da ação política e das práticas corporais de seus/suas participantes. O estudo aqui apresentado baseia-se nas informações contidas no blog da referida marcha e na página para ela criada no Facebook, em entrevistas semiestruturadas que fizemos com mulheres identificadas como suas lideranças, na observação em campo e em parte dos dados obtidos através da aplicação de questionários durante a manifestação de 2012.

**Palavras-chave:** NTIC, gênero, corpo, paisagem, manifestação política.

## **1. Introdução**

Em janeiro de 2011, o campus da Universidade York, em Toronto, registrou série de agressões contra mulheres. Em decorrência, no dia 24 daquele mês o policial Michael Sanguinetti palestrava sobre prevenção ao crime numa unidade da universidade, ocasião em que disparou: “as mulheres devem evitar se vestir como vadias (*sluts*), para não se tornarem vítimas”. Mais do que ofensa, o comentário foi interpretado como síntese de perversa ótica a respeito da condição feminina: o corpo feminino está sujeito ao controle de inúmeras autoridades heteronormativas e, assim, é alvo constante da apropriação masculina; por isso deve ser regulado, coberto, o mais amplamente possível submetido ao recato; e, se uma agressão contra esse corpo ocorrer, foi provocada por sua sexualidade não dominada.

Fortes e espontâneos processos de reação culminaram em manifestação em 3 de abril do mesmo ano: a *SlutWalk*, marcha que reuniu milhares no Queen’s Park, na mesma cidade, em protesto contra todas as formas de opressão feminina. Em sua maioria, eram mulheres jovens – muitas propositadamente vestidas com roupas “provocantes” (cintas-ligas, meias-arrastão, saltos-agulhas, peças decotadas, lingerie à mostra, shorts ou saias

curtas) – que portavam cartazes e clamavam palavras de ordem denunciando a violência sexual. A apropriação da palavra *slut* e o uso dessa indumentária foi estratégia para se redimir termos, aparências e modos de ser das mulheres, sempre condicionadas a julgamentos opressivos e ao extremo controle de seus corpos no espaço.

A *SlutWalk* teve sua organização, mobilização e divulgação realizada em grande medida através das chamadas novas tecnologias de informação e comunicação.<sup>1</sup> Disseminando ideias e imagens por suas redes rizomáticas, rapidamente se espalhou por outras cidades do Canadá e do mundo,<sup>2</sup> inclusive o Brasil, onde ganhou o nome de Marcha das Vadias. Desde então, dezenas dessas marchas ocorreram nas ruas do país,<sup>3</sup> com quantitativos distintos de pessoas, variados graus de controle repressivo e de ocorrência de incidentes.

Nosso artigo tem como foco a Marcha das Vadias do Rio de Janeiro,<sup>4</sup> que ocorreu duas vezes na orla de Copacabana, em 2011 e 2012.<sup>5</sup> Objetivamos, primeiramente, compreendê-la em comparação às inúmeras manifestações políticas que desde 2011 vêm eclodindo em cidades de vários países (Turquia, Egito, Espanha, Chile, Grécia, Inglaterra, Estados Unidos, Argentina...), aparentemente de forma espontânea e apropriando-se das NTIC, sobretudo a internet e as redes tecnossociais como o Facebook e o Twitter. Queremos indagar, também, se estamos ou não diante da emergência de um novo fenômeno urbano diretamente relacionado ao avanço e à difusão tecnológicos – até que ponto tais manifestações ocorrem *por causa* da internet e demais novas tecnologias? Em busca de respostas, apresentaremos as variadas dinâmicas espaciais que consideramos relevantes na

---

<sup>1</sup> A partir de agora designadas “NTIC”, as novas tecnologias de informação e comunicação compõem-se por equipamentos de armazenamento e uso pessoal como os desktops, laptops e tablets; a internet, suas redes sociais e programas de conversação e os serviços de correio eletrônico; a telefonia móvel e seus vários aplicativos; as tecnologias digitais de captação, tratamento e reprodução de imagens e sons; e as de acesso remoto, como o wi-fi e o bluetooth, por exemplo.

<sup>2</sup> Austrália, Estados Unidos, Inglaterra, Espanha, França, Portugal, Holanda, Polônia, Israel, México, Nicarágua, Argentina, Chile e Índia são alguns dos inúmeros outros países onde cidades realizaram *SlutWalks* ao longo de 2011 e 2012. Ver as reportagens de Horin, Loriggio, Pilkington e Sasaki, todas de 2011.

<sup>3</sup> A primeira marcha brasileira ocorreu em São Paulo em 04/06/2011, seguida das marchas de Recife (11/06); Fortaleza (17/06); Brasília, Belo Horizonte, Juiz de Fora e Florianópolis (18/06); e Teresina (29/06). A carioca ocorreu no mesmo dia que a de Salvador (02/07). Em 2011, aconteceram ao menos em mais três cidades: Curitiba (16/07), Natal (23/07) e Belém (28/07). Em 2012, o número aumentou espantosamente – a maioria delas, inclusive a do Rio de Janeiro, ocorreu no dia 26/05. Consulte o calendário em <http://marchadasvadiasbr.wordpress.com/calendario>.

<sup>4</sup> A partir de agora abreviada como MVRJ.

<sup>5</sup> Em 2011, os veículos de comunicação divulgaram números contrastantes sobre a MVRJ, que variaram de 300 a 1.500 manifestantes. O mesmo no ano seguinte, quando as contagens noticiadas variaram entre 400 e 1.500 pessoas. Cf. Thum (2011), iG Rio de Janeiro (2011), Agência O Globo (2012) e Ferreira (2012).

organização, mobilização, divulgação e realização destas duas manifestações no Rio de Janeiro. Por um lado, corpo e paisagem parecem ter significados relacionados no contexto da marcha; por outro, a tão propagada dicotomia entre as ditas instâncias online e off-line parece não se apresentar na ação política e nas práticas corporais de seus/suas participantes.

Ao longo do trabalho, apropriar-nos-emos de informações contidas no blog da MVRJ<sup>6</sup> e na página para ela criada no Facebook;<sup>7</sup> de cinco entrevistas semiestruturadas que realizamos, ao longo de julho e agosto de 2011, com mulheres identificadas como lideranças da marcha carioca; e de outra, em agosto de 2012, quando uma delas foi mais uma vez entrevistada. Nossa observação em campo, durante as duas marchas, evidentemente tem também relevância em nossa análise. Finalmente, utilizaremos parte dos dados que coletamos por meio da aplicação de 102 questionários durante a segunda MVRJ,<sup>8</sup> com perguntas que, dentre outros objetivos, visavam a traçar o perfil dos/as respondentes, seu uso das NTIC e as formas de participação e mobilização políticas. Não temos a pretensão, é claro, de compreender tais entrevistas e questionários como amostragem suficiente para dar representatividade às ideias, trajetórias de vida e atuações políticas de *todas* as pessoas que organizaram ou simplesmente foram a estas marchas. Mas acreditamos terem validade sob o prisma da análise de discurso e por fornecerem indicativos a serem confirmados em trabalhos posteriores.

## 2. NTIC, cidades e ação política

A despeito das promessas, da “globalização como fábula” (Santos, 2008, p. 17-21), de um mundo progressivamente homogêneo, assentado sob uma cultura universal, com maciça e instantânea difusão de informações e um mercado livre e pleno de oportunidades para todas as pessoas, no plano teórico vêm se consagrando percepções de seus efeitos perversos, particularmente sobre as cidades. Sobressaem análises a respeito da organização dos fluxos financeiros em escala global e através de uma rede de cidades (Sassen, 1991; Castells, 1999), diretamente relacionados a processos de mercantilização e espetacularização de espaços urbanos cada vez mais marcados pela segregação socioespacial e a gentrificação (Harvey, 1989; Vainer, 2000; Fix, 2007; Arantes, 2008); ou sobre o aumento da dispersão, da descontinuidade e do espraiamento intraurbanos, combinados com o surgimento e o

---

<sup>6</sup> <http://marchadasvadiasrio.blogspot.com.br>.

<sup>7</sup> <https://www.facebook.com/pages/Marcha-das-Vadias-do-RJ/121053424690810?fref=ts>.

<sup>8</sup> Os questionários foram aplicados pelos graduandos em Geografia da PUC-Rio Gabriela Duarte, Iata Mendonça, Valquíria Aciole, Maykon Silva e Raphael Mendonça, a quem somos muito gratos.

crescimento de novos padrões de mobilidade em todas as escalas da experiência urbana, em grande medida esvaziadores do sentido público do espaço (Borsdorf, 2003; Reis, 2006; Sheller e Urry, 2006; Elliot e Urry, 2010). As NTIC permitiriam, além disso, o exercício de poder das chamadas “tecnolites” (Castells, 1999), que por elas se construiriam globalmente como “comunidade transnacional imaginada-virtual” (Ribeiro, 1997) e disseminariam como preceitos universais suas próprias ideias de progresso, desenvolvimento e cultura.

As mesmas NTIC, contudo, também gestariam uma sociedade-mundo valorizadora da democracia, da autonomia e dos direitos humanos (Haesbaert e Limonad, 2007, p. 50), i.e., possibilitariam traçar caminhos para outra globalização, mais solidária e capaz de ao menos desenhar a emergência das massas e uma revolução debaixo para cima, conduzida por camadas populares e lugares subalternizados (Santos, *op. cit.*). Em 2011, foram justamente em diferentes periferias do sistema-mundo que se iniciaram as mobilizações políticas nos espaços públicos, só depois ocupando lugares hegemônicos como Londres e Nova Iorque. Tal ano fez perceber, de fato, certa territorialidade-mundo nas insurgências, tão numerosas, ocorrendo ao mesmo tempo e apropriando-se das NTIC.

Entretanto não é de hoje que em centros urbanos muito singulares há a eclosão de protestos e ações revolucionárias. Como apontado por Harvey (2012a, p. 115-118), das inúmeras insurgências que conseguiram espalhar o “espírito rebelde” por redes urbanas, antecederam a popularização de ferramentas como a internet os protestos de Paris nos séculos XVIII e XIX; da Primavera de Praga, em 1968; e de Seattle, em 1999. Daí a necessidade de se averiguar qual é o efetivo papel das NTIC nestes exemplos mais recentes. Para o autor, “são os corpos nas ruas e praças, não os balbucios de sentimentos no Twitter e Facebook, que realmente importam” (Harvey, 2012b, p. 61). No entanto se é inegável que movimentos como o *Occupy*, por exemplo, têm primordialmente práticas off-line (a permanência da ocupação por vários dias e a realização de assembleias de decisão presenciais, por exemplo), não se pode desconsiderar o papel das NTIC na difusão de informações sobre os protestos, seja por meio do registro em vídeo e em tempo real através da rede Livestream, das mensagens com *hashtags* que passam a figurar nos *trend topics* do Twitter ou, principalmente, da criação de inúmeras páginas com incontáveis postagens no Facebook (Cf. Caren e Gaby, 2011). A aglomeração de *profiles* tem, também, relevância na ação política.

Não se pode desprezar o papel das chamadas mídias “pós-massivas” – como é o caso das redes tecnossociais e dos blogs, podcasts, wikis, fóruns de discussão e softwares sociais. São importantes por permitirem “a personalização, a publicação e a disseminação de

informação de forma não controlada por empresas ou por concessões de Estado” e insistirem “em processos de conversação, de interações, de comunicação, ... tendo aí uma importante dimensão política” (Lemos, 2010, p. 158). Ainda que seja correto afirmar que maior difusão da informação não garante melhora do desempenho comunicativo (Lemos, 2003, p. 29) e que a maior parte das conversas de cunho político na internet se dê dentro de grupos já convencidos de determinadas ideias (Davis, 2012, p. 41), as NTIC *ampliam as conexões entre esses grupos*: ao permitirem o encontro e o diálogo sobre temas e interesses comuns, inclusive entre pessoas que jamais se viram (e talvez jamais se vejam), potencialmente fortalecem e ampliam a ação *em rede*.

Que diferenças há, porém, no interior desta massa de “indignados”? Certa generalização de “usuários” das NTIC (potencialmente “revolucionários”) está presente nos escritos sobre as insurgências de 2011 (Beck, 2011; Jinkings, org., 2011; Moreno, 2011; Chomsky, 2012; Gitlin, 2012; Harvey, 2012a). Sem deliberada atenção aos recortes territoriais e/ou de um grupo focal, pode ser mantida a construção epistêmica das ciências, inclusive sociais, que se deu a partir de perspectiva masculina e eurocentrada, que tornou invisíveis outros tipos de conhecimento e compreensão da realidade (Wallerstein, 2002; Lander, org., 2005). Útil então é o fato de Escobar (1999) apontar três grupos sociais para ele capazes *de diferentes formas* cumprir a tarefa política de resistir à globalização hegemônica: ambientalistas, marginalizados do Terceiro Mundo e mulheres.

Nossa análise da MVRJ dá-nos oportunidade, portanto, de evitar que diferenças territoriais e de gênero permaneçam subsumidas (Haraway, 1988; Silva et al., 2011). Ao assumirmos a posicionalidade feminina e do contexto do Brasil, incorporamos a construção de papéis sociais em tempos e espaços específicos relacionados a hierarquias socialmente construídas – de mulheres em relação a homens (no mundo, no Brasil e no Rio de Janeiro, necessariamente havendo diferenças a se considerar) e de uns lugares em relação a outros (afinal, a *SlutWalk* surgiu no Primeiro Mundo e estamos falando de uma marcha que ocorreu no Brasil).

### **3. A MVRJ e o uso das NTIC**

Os/as 102 respondentes ao nosso questionário confirmaram o que nos foi visualmente perceptível durante as duas marchas cariocas – a presença predominante de jovens mulheres: 66% deles/as tinham entre 15 e 29 anos e 68% eram do sexo feminino. Outras características relevantes dos/as respondentes são a maioria de heterossexuais (67%),

solteiros/as (83%), com ensino superior completo ou incompleto (89%), que estudam (70%) e que trabalham (63%). No que se refere à cor/raça, pode-se dizer que em nossa amostragem havia distribuição semelhante ao que foi encontrado no último censo do IBGE: 49% se declararam negros/as (pretos/as ou pardos/as) e 48% brancos/as. Perguntados/as se moravam ou já haviam morado em favela, somente 16% afirmaram que sim. Por fim, 64% afirmaram ter renda domiciliar total acima de R\$ 3001,00. No conjunto, tais dados quantitativos parecem apontar para um estatuto de classe média da maioria (ver Gráficos 1 a 6).

Nosso conjunto de dados deixa poucas dúvidas a respeito da importância da internet para os/as nossos respondentes: 78% dos/as ouvidos/as declararam usar muito a internet e, ao indicar as redes tecnossociais e sites de compartilhamento que usavam, 97% disseram acessar o Facebook, seguido pelo YouTube e o Twitter, com 60% e 33%, respectivamente – sendo importante destacar a variedade de outras redes e sites também citados. Outros dados relevantes que dão centralidade à internet em sua ação política: 89% dos respondentes afirmaram utilizá-la para reivindicar seus direitos; e 58% disseram ter sabido da marcha na internet – destes/as, 91% pelo Facebook, claramente sua principal ferramenta (ver Gráficos 7 e 8).

Gráfico 1: Orientação sexual

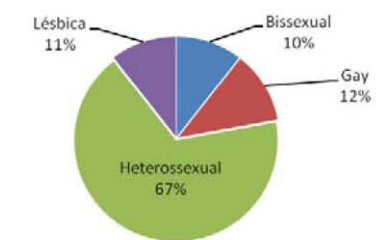


Gráfico 2: Estado civil

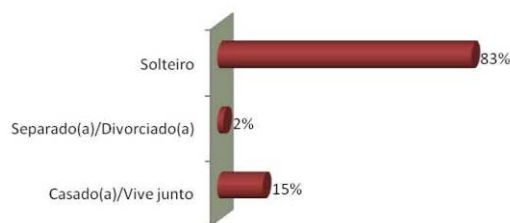


Gráfico 3: Escolaridade

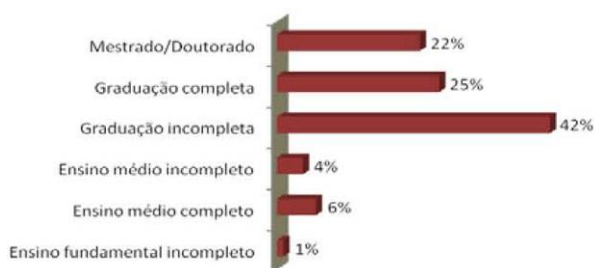


Gráfico 4: Situação de Trabalho



Gráfico 5: Cor/raça

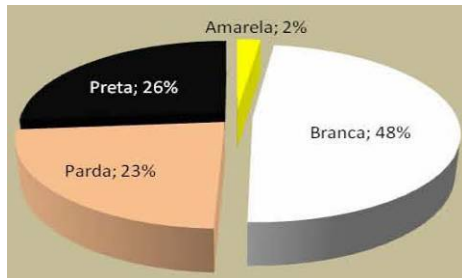


Gráfico 6: Renda domiciliar total

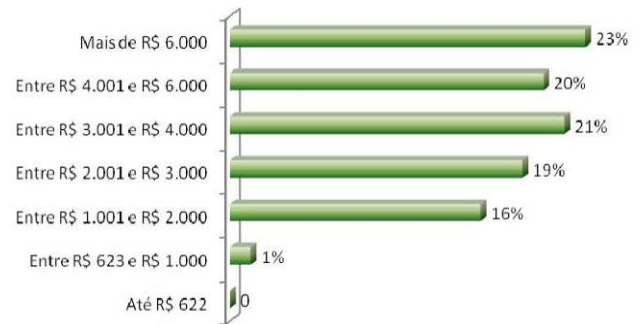


Gráfico 7: Acesso atual a redes e compartilhamento

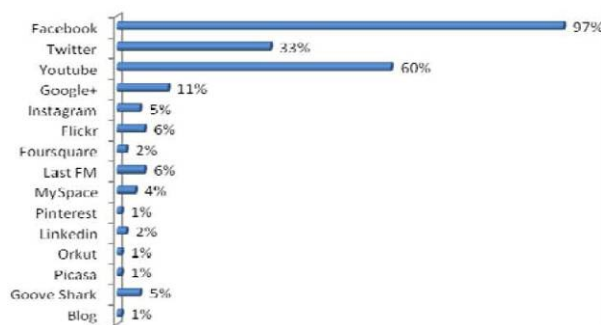
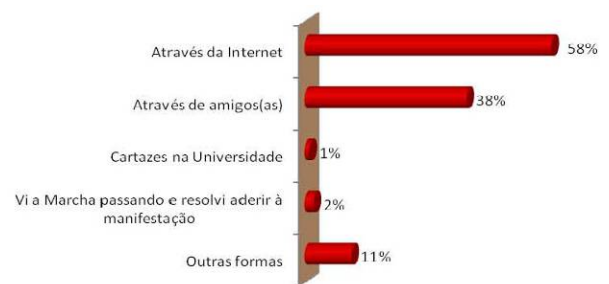


Gráfico 8: Como ficou sabendo da Marcha das Vadias?



Fonte: PUC-Rio/Ibase (2012).

Eduarda, que entrevistamos em julho de 2011, possuía perfil semelhante à maioria de nossa amostragem: jovem profissional de recursos humanos morando em bairro da Zona Norte da cidade, heterossexual, branca e de 28 anos. Ela nos concedeu depoimento especialmente relevante, cujo resumo compartilhamos a seguir.

Na minha *timeline* tem muita gente feminista, de outros lugares, de outros países. Isso é bem interessante e enriquecedor. Eu fiquei sabendo da Marcha das Vadias do Canadá pelo Twitter, através de uma das feministas mais radicais que eu sigo. Acessei o site do Canadá, vi as fotos, comecei a ler todo o material a respeito. Descobri que já estava ocorrendo em outros países e a partir daí fiquei com vontade de fazer aqui no Brasil. Nessa época eu já conversava com umas meninas do México, do Chile e da Argentina que também queriam fazer. Aí soube da marcha em São Paulo e fiquei furiosa, porque São Paulo estava fazendo e eu ainda não tinha conseguido fazer no Rio. Criei então a página no Facebook e o blog. Uma amiga sugeriu irmos à

reunião da Marcha da Liberdade,<sup>9</sup> onde conhecemos um monte de gente, levantamos a questão da Marcha das Vadias e convidamos todo mundo para participar de uma reunião sobre o assunto. Apareceram poucas pessoas, mas decidimos a data, decidimos tudo. Conversava com as pessoas no Twitter e no Facebook, onde o evento da marcha chegou a ter 7.000 pessoas. Conversava também com pessoas na rua, no salão de beleza, na roda de amigos e amigas, na faculdade, onde tivesse abertura. Consegui falar sobre isso até mesmo no Sindicato dos Rodoviários, um ambiente machista, e ter apoio. Mandamos releases para todos os jornais. E aí quando saiu a matéria no impresso e no site do jornal *O Globo*, várias rádios começaram a ligar para a gente pedindo entrevista.

Aparentemente surgida mais de indignações e vontades de mulheres como Eduarda do que do seio das organizações feministas, a MVRJ tornou-se página e “evento” online antes de confirmada sua realização. Tratou-se de estratégia objetivando visibilidade tão ampla quanto o mais rápida possível e desejando fazer com que se conectassem redes de pessoas que compreendessem ou facilmente pudessem ser convencidas da sua importância. Mas é preciso destacar o fato de que a internet e demais novas tecnologias não foram o único meio para a mobilização em 2011. Ainda que possua muitos contatos pelo mundo com base nas suas redes tecnossociais, apenas bradando na internet sobre a *SlutWalk*, sem que acionasse suas redes com base nos lugares do cotidiano e de toda sua trajetória política, talvez Eduarda não conseguisse ver se realizar a MVRJ: não se excluiu o diálogo face a face em diversos contextos e também não se negligenciou a importância de se contatar as mídias tradicionais.

De acordo com nossos dados quantitativos, 41% dos/as respondentes afirmaram não participar de nenhum grupo, organização, instituição ou movimento de cunho político, ao passo que o blog da MVRJ a descreve como “manifestação plural, autônoma e independente de qualquer outro movimento social organizado, partido político, sindicato ou instituição governamental”, passando a ideia de que as pessoas tanto no momento da manifestação quanto na sua organização estariam ali sem representar instituições ou coletivos. Uma postura organizacional que destoa de outras manifestações organizadas pelos movimentos feministas do Rio de Janeiro, com os quais a MVRJ tem muitas pautas em comum, e que em grande medida minimiza a transferência, para a organização e realização das manifestações, de disputas que estes grupos têm em outros fóruns e espaços. No Oito de

---

<sup>9</sup> A Marcha da Liberdade foi organizada logo após a decisão do Supremo Tribunal Federal de liberar a realização da Marcha da Maconha por todo o país (depois de forte repressão a esse movimento que luta pela liberalização da droga). Aconteceu em junho de 2011 em várias cidades e agregou desde os militantes da causa da da legalização do aborto àqueles contra a homofobia, por exemplo.



Março, por exemplo, a atividade dita unificada – por pretender agregar diferentes ONG, partidos políticos e articulações do movimento – e que frequentemente é uma passeata, é marcada por disputas entre esses grupos desde as reuniões de organização até a de avaliação, passando pelo evento propriamente dito (Zanetti, 2009).

No entanto é interessante notar que nossas entrevistadas, por sua vez, eram ligadas ou ao menos tiveram passagem por meios mais institucionais da prática política: partido político, entidade feminista, organização não governamental, rede feminista de arte urbana, movimento LGBT e centro acadêmico de universidade. Apesar disso, a maioria de algum modo demonstrou insatisfação com o feminismo mais institucionalizado, contraposto ao exercido na internet, de mais livre expressão e na qual as mais jovens têm seu lugar. Eduarda e Katarina, uma jornalista de 35 anos trabalhando em ONG, emitiram opiniões a esse respeito.

**Eduarda:** O movimento feminista real, presencial, é meio limitador. É difícil que pessoas novas com ideias novas cheguem e tenham espaço. Além de ser militante, você trabalha, tem uma vida, é difícil se dedicar. As pessoas que participam já são pessoas do meio, então não tem muita troca, não tem muitos pontos de vista, até porque muitas vêm de organizações feministas. Não é tão rico quanto na internet.

**Katarina:** Na minha vivência com as feministas daqui do Rio de Janeiro, o que vejo são moças repetindo discursos dos anos oitenta. Ainda querendo demandar pautas que já avançaram. Não formamos quadros ao longo dos últimos trinta anos. Eles estão sendo formados agora, com a internet, mas eu acho que a galera “das antigas” está meio perdida.

Porém é importante registrar que a experiência das organizadoras em outras manifestações e articulações, assim como suas redes de contatos muitas vezes estabelecidos em outros espaços de militância, parecem ser de grande importância para a mobilização, divulgação e encaminhamento da parte burocrática em torno da MVRJ – por exemplo, a comunicação às autoridades sobre a utilização do espaço público: a orla de Copacabana.

#### **4. O corpo político na paisagem carioca**

No centro das discussões que deram origem à marcha do Canadá está a questão da violência contra a mulher, colocada como de responsabilidade da vítima – no caso, a violência sexual se justificaria pelas roupas usadas pelas mulheres. Desse modo, então, retoma-se a reivindicação histórica do movimento feminista: o direito ao próprio corpo e

fazer dele o que bem quiser.<sup>10</sup> Não à toa, logo na primeira MVRJ, além das palavras de ordem em coro, dos cartazes com denúncias ou reivindicações e do padrão de vestimenta de outras *SlutWalks* (roupas curtíssimas e decotadas), chamaram atenção os textos escritos em tinta sobre os corpos das manifestantes, utilizados para expressar sua indignação – tais como “vadia”, “nem vadia, nem santa”, “meu corpo, minhas regras”, “não sou mercadoria”, “livre é pouco”, entre outras, fato que se ampliou em 2012 (Figura 1).

No entanto em vários veículos de informação deu-se amplo destaque ao momento em que algumas participantes expuseram os seios desnudos, o que foi exaustivamente fotografado pela mídia e presentes (Figura 2). Na edição de 2012, o maior destaque nas mídias formais foi a exposição dos seios de uma trans, acusada de tirar a blusa no pátio da Igreja Nossa Senhora de Copacabana (Ferreira, 2012) – o que teria causado a repressão policial (spray de pimenta contra os/as presentes). Somos obrigados, contudo, a discordar da imprensa, baseando-nos em nossa observação de campo: forte liderança entre transexuais, travestis e prostitutas, ela já tinha seios à mostra desde o início da marcha, do momento da concentração dos/das manifestantes em diante. A decisão de mostrá-los não se deu, tudo indica, em frente à igreja e nem por causa da igreja (Figura 3).

Segundo Harvey (2004, p. 135-178), o corpo pode e deve ser instrumento político. Diferenças de classe, raça e – é claro – gênero estão inscritas nos corpos, condições que moldam práticas e relações (inclusive as de poder), por sua vez inseridas em diversos processos socioecológicos e sistemas de representação (dominantes ou não), como padrões de beleza, formas de se vestir e outras intervenções tornadas atributos identitários. O corpo também não é unidade acabada, é em alguma medida maleável – pode possuir implantes, próteses, enxertos (Tadeu, org., 2009) – e, além disso, em determinados contextos e situações torna-se meio para performance, transgressão ou rebeldia: são da ordem da acumulação de corpos no espaço, afinal, tanto a natureza festiva e irônica dos *flash mobs* quanto a política dos comícios, passeatas, marchas e insurgências. Numa sociedade de reprodutibilidade técnica, midiática e cibernética, por fim, o corpo desprende-se de sua materialidade e perpetua sua presença transformando-se em imagens e bytes a circularem pelas redes da internet.

---

<sup>10</sup> Sob o slogan “meu corpo me pertence”, as mulheres lutaram e seguem lutando pelos direitos ao livre exercício da sexualidade, ao aborto legal e seguro, a um corpo diferente do imposto pelos padrões de beleza vigentes, à eliminação da violência contra mulher, entre outros.

Figura 1. Mulher tendo o corpo pintado durante a segunda MVRJ.  
Fonte: acervo próprio, 2012.



Figura 2. Mulheres mostram seios na MVRJ de 2011. Fonte: acervo próprio, 2011.



Figura 3. Trans com seios desnudos na orla de Copacabana, muito antes do momento polêmico junto à igreja, na MVRJ de 2012. Fonte: acervo próprio, 2012.



Podemos dizer então que as “vadias” em marcha no Rio de Janeiro usaram e exibiram corpos políticos? À condição do corpo se tornar manifesto em movimento, pela inscrição de mensagens sobre suas partes desnudas, acrescentou-se o grande número de participantes que ao mesmo tempo realizavam práticas corporais que, no espaço público e à luz do dia, tornaram-se transgressoras – portanto políticas. “Aqueles peitos de fora estavam colocados em uma passeata, pois o corpo tem que ser naturalizado, não pode ser mitificado, temos é que fazer *topless* mesmo. Quem sabe numa próxima marcha todas tiram a blusa?”, disse-nos uma entrevistada, percebendo a importância e o impacto de determinada condição corporal, o torso desnudo, no espaço público – que, aliás, não traz risco algum quando quem o exhibe é do gênero masculino. Soma-se a consciência que as entrevistadas demonstraram ter de que tal exposição traduzia-se em inúmeras imagens – vídeos e fotos –, feitas durante a marcha por participantes ou pela imprensa, que seguiam e vêm seguindo reproduzidas e exibidas na internet.

Por que lutas específicas os corpos políticos que organizaram a MVRJ estão interessados? Qualquer marcha das vadias no Brasil passa, segundo nossas informantes, pela questão da legalização do aborto, ainda muito pautada por preceitos religiosos sempre mais repressores do comportamento e do corpo femininos. E que, também, tem sido frequentemente utilizada como moeda de troca política, como ocorreu explicitamente nas eleições presidenciais de 2010, nas quais os/as candidatos/as viram-se obrigados a se posicionar a respeito, no acirramento do segundo turno. Também foram muito citadas: a condição de permanente subalternização de travestis, transexuais e prostitutas; a necessidade de maior assistência à infância que libere mães para o mercado de trabalho e dote-as de maior independência dos parceiros; e a não distribuição de preservativos femininos que põe mulheres em permanente posição de submissão na prevenção a doenças sexualmente transmissíveis – questões que nem com a eleição de uma presidenta pela primeira vez no país, segundo elas, entraram na pauta política.

Algumas entrevistadas apontaram que a capital carioca tem relação singular com o corpo, talvez mais problemática do que em outros lugares. Caso de Nataraj, historiadora de 28 anos.

Há uma relação com o corpo que é muito própria do Rio de Janeiro, que é uma cidade baseada em padrões corporais que não são de saúde, mas estéticos. Você é obrigada a ter que se perguntar qual é a sua identidade em relação a esses modelos de mulher numa cidade

que não cultua o sexo, mas cultua extremamente o corpo. Você o cultua e não pode fazer *topless* na praia, mas pode no carnaval. De tanto que se cultua o corpo, há pudor. Isso é específico do Rio, não é?

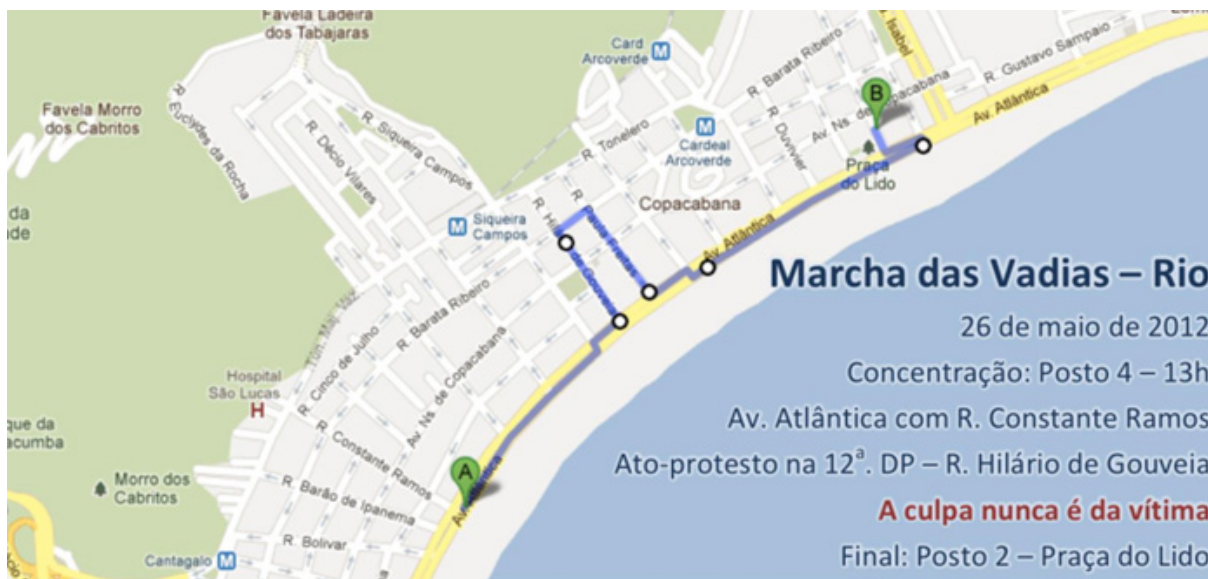
É importante se ressaltar, então, onde foram realizadas as duas marchas cariocas. Do Rio de Janeiro, a paisagem da orla de Copacabana talvez seja a mais técnica e globalmente reproduzida, síntese da cidade e em alguma medida imagem metonímica do Brasil. É nessa paisagem “bonita por natureza”, também, que se dão práticas e sociabilidades que invariavelmente levam à exibição de corpos (dos exercícios e do flerte à beira-mar ao banho de sol na areia). Mas do universo imagético e midiático que consagra essa paisagem sobressai a posição ocupada pelos corpos especificamente femininos: se são tão famosos quanto polêmicos os cartões-postais que associam a paisagem da orla de Copacabana aos corpos de mulheres em biquínis sumários, quase sempre de costas (Freire-Medeiros e Castro, 2007), também notória é a condição do bairro de cenário de prostituição de mulheres, travestis e transexuais (Gaspar, 1985) que sofrem diversas formas de submissão ou violência.

Quando na paisagem de Copacabana, o corpo feminino parece, portanto, revelar-se contundentemente como objeto sexual, mercadoria ou alvo de agressão. Se como na MVRJ, contudo, os corpos femininos exibem-se semidesnudos na orla, com acessórios de “vadias”, pinturas e textos, não necessariamente correspondendo ao perverso padrão de beleza imposto aos mesmos, infere-se novo texto à paisagem, pautado pela irreverência: “é aí que nos aproximamos do movimento gay. A gente quer fazer política com alegria, diversão, tornar as coisas mais leves. É importante aprender a ser leve, para reivindicar sempre”, disse-nos a historiadora.

De maneira diferente de mobilizações como os *occupies*, que fixam corpos em determinado espaço (por vários dias), mas igual às demais *SlutWalks*, a MVRJ realiza-se por um deslocamento de corpos no espaço, com percurso definido (Figura 4). Trata-se de uma *marcha*, afinal (“não gosto de bloco de carnaval que concentra mas não sai”, justificou uma entrevistada): saindo do Posto 4 da Avenida Atlântica, segue pela orla e ao entrar na Rua Hilário de Gouveia, passa pela já citada igreja onde se deu a polêmica de 2012 e por uma delegacia de polícia, onde nos dois anos manifestantes discursaram – porque para ali, segundo as entrevistadas, são constantemente encaminhadas sem motivo e também agredidas as profissionais do sexo do bairro. Quando volta a seguir pela orla, só termina seu trajeto na Praça do Lido, outro notório ponto de prostituição, onde novas falas ao microfone ocorrem. Vê-se que ao longo desse percurso foram escolhidos pontos ligados à lógica

heteronormativa de apropriação, repressão e controle do corpo feminino (praia, igreja, delegacia), em contraponto a uma espacialidade que claramente valoriza os consagrados territórios das mais notórias “vadias” do bairro.

Figura 4. Banner de divulgação da MVRJ, que aponta seu trajeto em Copacabana.  
Fonte: página da MVRJ no Facebook, 2012.



### Considerações finais

A despeito das mazelas da globalização já tão fortemente debatidas, as NTIC que são parte de sua perversa geometria de poder parecem não estar estritas a essa condição: como vimos, o mesmo conjunto de tecnologias com base em redes virtuais que conecta e fortalece grupos e territórios hegemônicos pode, afinal, diminuir as assimetrias de poder ao conseguir conectar e fortalecer grupos e territórios de resistência, contra-hegemônicos.

“Somos um movimento feminista que vai novamente à rua, com a internet na divulgação, promovendo um movimento real, não virtual”, disse-nos uma das entrevistadas sobre a MVRJ. Para além da aglomeração de corpos como manifestação política, ir à rua, nesse caso, é transformar a cristalizada condição de corpos femininos constantemente ameaçados no espaço público em uma performance da ação política. Corpos femininos *seminus*, repletos de textos, mesclam-se aos simbolismos positivos e pejorativos da paisagem da orla de Copacabana. A MVRJ momentaneamente reescreve o texto dessa paisagem para tentar também reescrever trajetórias femininas, uma ação política com claro recorte de gênero.

Guardando semelhanças com a *SlutWalk* canadense mas lutando por questões bastante específicas do Brasil e do Rio de Janeiro, a MVRJ acaba por revelar que não são tão amplas as possibilidades de pela internet ou demais NTIC as pessoas conseguirem autonomia total na tarefa de criar, organizar, divulgar e efetivar manifestações no espaço público como as que recentemente temos visto. Apesar da MVRJ se declarar independente, nossas entrevistadas tinham passagem por instituições formais e exerciam militância ou ativismo feministas. Além disso, para que as marchas de fato acontecessem a contento, nos seus momentos de organização e divulgação precisaram articular pessoas e instituições representativas, com base nos seus lugares e suas trajetórias de vida. As NTIC não são um fim, mas um meio pelo qual redes políticas, de solidariedade e de amizade pré-existentes têm a possibilidade de se conectar. Online e off-line não são espaços dicotômicos, muito menos se excluem mutuamente: estão coadunados no espaço geográfico que é de fato o palco da existência de corpos que nele de variadas maneiras se cruzam.

## Referências

- AGÊNCIA O GLOBO. Marcha das Vadias leva centenas às ruas de Copacabana, no Rio de Janeiro. *D24am*, 26 mai. 2012. Disponível em <http://www.d24am.com/noticias/brasil/marcha-das-vadias-leva-centenas-as-ruas-de-copacabana-no-rio-de-janeiro/59771>. Arquivo consultado em 23 out. 2012.
- ARANTES, P. O grau zero da arquitetura na era financeira. *Novos estudos CEBRAP*, n. 80, p. 175-195, 2008.
- BECK, U. Indignados, entre el poder y la legitimidad. *El País*, 10 nov. 2011. Disponível em [http://elpais.com/diario/2011/11/10/opinion/1320879611\\_850215.html](http://elpais.com/diario/2011/11/10/opinion/1320879611_850215.html). Arquivo consultado em 2 nov. 2012.
- BORSODORF, A. Hacia la ciudad fragmentada. Tempranas estructuras segregadas en la ciudad latinoamericana. *Scripta Nova*, v. 7, n. 146, 2003.
- CAREN, N.; GABY, S. Occupy Online: Facebook and the spread of Occupy Wall Street. *Social Science Research Network*, 24 out. 2011. Disponível em <http://ssrn.com/abstract=1943168>. Arquivo consultado em 2 nov. 2012.
- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHOMSKY, N. *Occupy*. New York: Zucotti Park Press, 2012.
- DAVIS, M. Chega de chiclete. In: JINKINGS, I. (coord.). *Occupy*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2011, p. 39-43.
- ELLIOT, A.; URRY, J. *Mobile lives*. London: Routledge, 2010.
- ESCOBAR, A. Género, redes y lugar: una ecología política de la cibercultura. In: *El final del salvaje*. Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología e Historia, 1999, p. 353-381.



FERREIRA, C. Marcha das Vadias tem tumulto em frente a igreja em Copacabana. *G1*, 2 JUL. 26 mai. 2012. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/05/marcha-das-vadias-tem-tumulto-em-frente-igreja-em-copacabana.html>. Arquivo consultado em 23 out. 2012.

FIX, M. *São Paulo cidade global*. São Paulo: Boitempo, 2007.

FREIRE-MEDEIROS, B.; CASTRO, C. A cidade e seus souvenirs: o Rio de Janeiro para o turista ter. *RBTUR*, v. 1, n.1, 2007.

GASPAR, M.D. *Garotas de programa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

GITLIN, T. *Occupy Nation: the roots, the spirit, and the promise of Occupy Wall Street*. New York: It Books, 2012.

edition

HAESBAERT, R.; LIMONAD, E. O território em tempos de globalização. *etc...*, n. 2, v. 1, p. 39-52, 2007.

HARAWAY, D. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. *Feminist Studies*, v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988.

HARVEY, D. *Rebel cities*. New York: Verso, 2012a.

HARVEY, D. Os rebeldes na rua: o Partido de Wall Street encontra sua nêmesis. In: JINKINGS, I (coord.). *Occupy*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2012b, p. 57-64.

HARVEY, D. *Espaços de esperança*. São Paulo: Loyola, 2004.

HARVEY, D. From managerialism to entrepreneurialism: the transformation in urban governance in late capitalism. *Geografiska Annaler*, 71B, p. 3-17, 1989.

HORIN, A. SlutWalk turns apathy into action on sex attacks. *The Sidney Morning Herald*, 13 jun. 2011. Disponível em [http://www.smh.com.au/nsw/slutwalk-turns-apaty-into-action-on-sex-attacks-20110612-1fzaf.html?from=smh\\_sb](http://www.smh.com.au/nsw/slutwalk-turns-apaty-into-action-on-sex-attacks-20110612-1fzaf.html?from=smh_sb). Arquivo consultado em 21 out. 2012.

IG RIO DE JANEIRO. Marcha das Vadias reúne cerca de 1.500 no Rio. *Último Segundo*, 2 jul. 2011. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/marcha+das+vadias+reune+cerca+de+1500+no+rio/n1597060396184.html>. Arquivo consultado em 23 out. 2012.

JINKINGS, I (coord.). *Occupy*. São Paulo: Boitempo/Carta Maior, 2011.

LANDER, E (org.). *A colonialidade do saber*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LEMO, A. Celulares, funções pós-midiáticas, cidade e mobilidade. *urbe*, v. 2, n. 2, p. 155-166, 2010.

LEMO, A. Cibercultura e mobilidade: a era da conexão. In: LEÃO, L. (org.). *Derivas*. São Paulo: Annablume/Senac, 2004, p. 17-43.

LORIGGIO, P. 'Slut walk' crowded. *thespec.com*, 4 abr. 2011. Disponível em <http://www.thespec.com/news/canada/article/511501--slut-walk-crowded>. Arquivo consultado em 21 out. 2012.

MORENO, A.P. La primavera árabe: ¿Una cuarta ola de Democratización? *UNISCI Discussion Papers*, n. 25, p. 75-93, 2011.

- NAME, L. Das redes às ruas: novas tecnologias de informação e comunicação, mobilização social e manifestações políticas no espaço público. In: RHEINGANTZ, P. A. e PEDRO, R. (orgs.). *Qualidade do lugar e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: FAU/PROARQ, 2012, p. 199-214.
- PILKINGTON, E. SlutWalking gets rolling after cop's loose talk about provocative clothing. *The Guardian*, 6 mai. 2011. Disponível em <http://www.guardian.co.uk/world/2011/may/06/slutwalking-policeman-talk-clothing>. Arquivo consultado em 21 out. 2012.
- REIS, N.G. *Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano*. São Paulo: Via das Artes, 2006.
- RIBEIRO, G.L. Internet e a comunidade transnacional imaginada-virtual. *Interciência*, v. 21, n. 6, p. 277-287, 1996.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- SASSAKI, R. Marcha das vadias leva 300 pessoas para a av. Paulista. *Folha de São Paulo*, 4 jun. 2011. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/925522-marcha-das-vadias-leva-300-pessoas-para-a-av-paulista.shtml>. Arquivo consultado em 21 out. 2012.
- SASSEN, S. *The global city*. New York/London/Tokyo/Princeton: The Princeton University Press, 1991.
- SHELLER, M.; URRY, J. The new mobilities paradigm. *Environment and Planning A*, v. 38, p. 207-256, 2006.
- SILVA, J.; ORNAT, M.J.; CHIMIN JUNIOR, A.B. A visibilidade e a invisibilidade feminina na perspectiva geográfica: uma questão de escolhas metodológicas. In: SILVA, J.; ORNAT, M.J.; CHIMIN JUNIOR, A.B. (orgs.). *Espaço, gênero e feminilidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 21-41.
- TADEU, T. (org). *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Atlântica Editora, 2009.
- THUM, T. Marcha das Vadias reúne mulheres no Rio contra a violência sexual. *G1*, 2 jul. 2011. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/07/marcha-das-vadias-reune-mulheres-no-rio-contraviolencia-sexual.html>. Arquivo consultado em 23 out. 2012.
- VAINER, C.B. Pátria, empresa e mercadoria. In: ARANTES, O.; VAINER, C.B.; MARICATO, E. *A cidade do pensamento único*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 75-103.
- WALLERSTEIN, I. Eurocentrismo e seus avatares: os dilemas da ciência social. Rio de Janeiro: Revan, 2002, p. 205-221.
- ZANETTI, J.P. Jovens feministas: um estudo sobre a participação juvenil no feminismo do Rio de Janeiro. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.